



Escritas de si... Em nossas mãos

*Rita Amaral
Patrícia Cabral
Vera Brandão*

Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo.
Carlos Drummond de Andrade



Para que servem as mãos?

As mãos, parte do nosso corpo, são fundamentais na vida cotidiana, mas mesmo assim, delas nos esquecemos. Nossos gestos são quase que automáticos e não damos o valor devido a estes “instrumentos” com que a evolução humana nos dotou.

Com as mãos homens e mulheres sempre realizaram suas tarefas cotidianas – plantar, colher, armazenar, ordenhar, preparar as refeições – garantia da sobrevivência física! E também lavar, torcer, estender; construir e destruir, bater e matar! E apoiar, apreender, se oferecer, serem “tomadas”, acariciar, acalantar, desenhar, pintar, escrever, digitar - riscos, rabiscos, números, formas, letras - símbolos que marcam e constituem a cultura da qual participamos.

Assim como os artesãos que, a cada dia, reiniciam o trabalho inacabado do ontem, vivemos um eterno “bricolar” – arte manual e intelectual de construir a partir de pedaços e pontas deixadas como pistas – de cada um para todos. Fato considerado natural, e biologicamente estabelecido, não se questionam as habilidades e funções manuais.

Mas, as mãos sempre foram assim - obedientes, prestativas, laboriosas, instrumentos de agressão?

A espécie humana evoluiu dos primatas para os homínídeos – processo muito longo, lento e gradual – e que a encaminhou para desenvolvimentos fundamentais: a locomoção bípede e a postura vertical, que liberou as mãos, usadas até então como meio de locomoção.

Neste processo a oponência do polegar foi outro salto decisivo, pois desenvolvido em graus cada vez mais precisos e refinados aumentou a força e a precisão do movimento de apreensão “em pinça”, o que permitiu manufaturar – fazer à mão - armas e utensílios, favorecendo a colheita e a caça e, conseqüentemente com a descoberta do fogo, o regime carnívoro – que fortaleceu e colaborou na preservação da espécie.

Gradualmente, se estabeleceram novas formas de comunicação, além da gestual, devidas às mutações genéticas aliadas à complexidade crescente da organização social e a interação entre estes fenômenos (Morin, 1996).

Esta aparente facilidade de comunicação, da qual somos hoje detentores é o resultado de um longo processo de evolução genética e inter-relações sociais. É devido a estas articulações que as linguagens – imagéticas, faladas e escritas – quando analisadas apresentam um “mapa” da cultura em que vivemos, construído por nós e no qual podemos ler e apreender quem somos - em um processo permanente de devir, construtores e constructos culturais.

É nesta perspectiva antropológica que se inserem os trabalhos que propõem uma reflexão sobre as trajetórias de vida ou narrativas autobiográficas - “escritas de si” - utilizadas com objetivo de ressignificá-las e retomá-las, “em mãos”, desvelando as “vozes ocultas” dos narradores primeiros, que falam do interior da cultura.

Trabalhamos a partir dos relatos orais, ao longo do tempo o meio nobre de transmissão fatos históricos e culturais, genealogia de indivíduos, comunidades e povos, e seus hábitos, crenças e valores.

Em uma sociedade “acelerada” de comunicação, simultaneamente, livre, rápida, mas, muitas vezes, cifrada, os relatos orais foram, gradualmente, perdendo espaço e significância - e as vozes antigas foram se perdendo, em meio ao “ruído” crescente, até se calarem.

Neste contexto buscamos refazer os laços de significados encontrados nas histórias vividos por velhos cidadãos comuns - muitos asilados e calados - por meio dos relatos orais em grupo e, posteriormente, na escrita, documentação e divulgação dos fatos narrados.

Ao recompor a história pessoal a ser narrada evidenciam-se dois aspectos importantes: o autobiográfico – quando, pela palavra, se reflete, organiza e narra para si mesmo e depois para o grupo a própria história; e o heterobiográfico – quando interagimos e trocamos as narrativas no processo de compartilhamento grupal (Mombberger, 2006).

Para Brandão (2008), este processo leva à compreensão do outro e de cada um por meio do outro, já que a expressão autobiográfica surge em tempos e espaços específicos, intermediada pelo grupo de ouvintes – palavras e histórias socializadas construtoras de identidades múltiplas.

Segundo Momberger (2006) o passado recomposto se “faz” no momento da narrativa e, segundo a autora “O poder do relato biográfico e o espaço de formação que ele abre (...) advêm da forma histórica e socialmente construída que o relato permite dar às experiências individuais (...) das linguagens partilhadas nas quais ele faz ouvir histórias singulares, da ligação que ele permite manifestar (...) e restaurar (e harmonizar) os componentes sócio-históricos da vida individual”. (p. 369-70).

Nossa prática aponta que o processo oferecido pelas *Oficinas de escritas autobiográficas* favorece o reconhecimento da trajetória, destacando, valorizando e possibilitando a integração das experiências no processo de conhecimento e aprendizagem – de si e do outro.

Afirma ainda Brandão (2008) que o reconhecimento da importância e valor tanto dos saberes formais, exteriores e institucionalizados, como dos saberes internos, subjetivos, não formais, se constituem na força dessa abordagem, que afirma os indivíduos como atores responsáveis e “donos” da própria história. Por meio do processo de descoberta e reinvenção de si, ao reescrever sua história, pode encontrar os sentidos e os significados dos projetos passados e futuros, em uma perspectiva existencial.

Nas Oficinas o grau de escolaridade dos participantes não é, normalmente, relevante porque podemos ter, no mesmo grupo, participantes com mais ou menos tempo de frequência à escola, mas com desempenhos diferentes. Observamos, muitas vezes, que os indivíduos com menor escolaridade têm uma escrita mais “rica” e envolvente do que outros, mais bem preparados, que “medem” as palavras, têm vergonha do julgamento do grupo ou, simplesmente, não gostam de falar de si e de escrever.

Evidente que toda a comunicação, não só a escrita, é relevante no processo de re-apropriação de seus saberes e competências, mas neste texto gostaríamos de abordar, especificamente, a narrativa oral e a posterior escrita das experiências vividas, como instrumento de empoderamento e fortalecimento social no grupo ao qual pertence. O legado das experiências vividas foi e continua sendo fundamental na preservação da cultura dos grupos e na preservação dos tempos e lugares e seus saberes-fazer.

As experiências com as *Oficinas de escritas autobiográficas* têm sido realizadas em diferentes espaços, com indivíduos de grau de escolaridade, nível social, gênero e idades variáveis.

Neste trabalho são beneficiados os indivíduos considerados pela lei como idosos – acima de 60 anos – e que podem usufruir diferentes espaços de convivência, e atividades variadas, que lhes são oferecidas.

Destacamos neste artigo a dinâmica entre os mediadores das Oficinas e os participantes que não conseguem escrever – seja porque não foram alfabetizados, os que têm sequelas de diferentes patologias, e os muito idosos que, mesmo alfabetizados, “perderam a prática” com a expressão escrita.

Abordamos também a experiência com aqueles que abandonaram a escrita por estarem institucionalizados e, assim, não a usam mais no seu cotidiano. Prática, entre outras tantas, que vai sendo deixada de lado, marginalizando ainda mais essas pessoas com grau de envelhecimento e cuidados comprometidos.

Entra neste ponto a figura do escriba, que faz das suas as mãos que escrevem, na primeira pessoa, as histórias narradas, tornando reais as palavras do poeta e cronista Carlos Drummond de Andrade – duas mãos servindo aos sentimentos de outros mundos.

Segundo Houaiss (2001), escriba ou escrivão era aquele que na Antiguidade dominava a escrita e a usava para, a mando do regente, redigir as normas do povo daquela região ou de uma determinada religião. Também podia exercer as funções de contador, secretário, copista, arquivista.

Assim, neste projeto, os mediadores-escribas possibilitam a recolha de relatos na primeira pessoa destes idosos, buscando viabilizar a participação daqueles não letrados, o que acontece, frequentemente, nas atividades que envolvem indivíduos de origem socioeconômica menos favorecida, e que não tiveram oportunidade de serem alfabetizados.

Para tanto trabalhamos com o projeto *Oficinas Memória Viva*, denominação abrangente do conjunto de projetos de ressignificação da memória autobiográfica, que tem por objetivos criar um espaço de inclusão social e valorização do ser humano em processo de envelhecimento, dar significado às experiências pessoais através da reflexão sobre a trajetória de vida, inserindo-a na história da cidade, revendo suas relações com ela, com a comunidade e consigo mesmo por meio da memória autobiográfica, e “construir” um caderno de memórias que dê visibilidade e voz a estes “produtores e produtos culturais”.

As *Oficinas de escritas autobiográficas* acontecem desde 2003, na cidade de São Paulo, em diversos espaços por onde idosos circulam com destaque para os Centros de Convivência e as Instituições de Longa Permanência para Idosos - ILPI.

Em Centros de Convivência, espaço onde circulam idosos ativos, encontramos indivíduos para os quais o desafio de escrever esbarra em certa resistência. Quando comunicamos, na primeira reunião ou no convite para participar, que a oficina terá como um dos resultados um “caderno de memórias” – que vai contemplar a história de cada um e também dos outros participantes como um produto cultural - surge uma hesitação. “*Faz tempo que não escrevo*” ou “*Vocês vão corrigir nossos erros?*” São as perguntas que ouvimos com frequência.

Nas ILPIs o desafio é construir um espaço para essa proposta diferenciada na rotina da instituição. Idosos institucionalizados vivem sob a tutela da organização e atividades diferentes das rotineiras causam certa desconfiança

e, para sua implantação exigem uma cuidadosa apresentação por parte das mediadoras.

Sempre esclarecemos que o Projeto *Oficina Memória Viva* abraça quem quiser participar e apresentamos algumas alternativas para que as pessoas não desistam diante da solicitação da escrita. Os participantes, perante as dificuldades, podem pedir ajuda para algum familiar, filho, neto, sobrinho. Se não obtiverem esta ajuda podem recorrer a outro participante da Oficina.

Esta abertura para com o grupo familiar ou amigo aproxima as pessoas e cria entre elas uma cumplicidade, facilitando igualmente os contatos intergeracionais. Como alternativa, nos colocamos à disposição das pessoas que tem maiores dificuldades em buscar este auxílio - tornamo-nos escribas.

Nestes casos, ficamos um pouco mais de tempo com este participante, ou antecipamos nossa chegada, no dia da reunião. Todas estas possibilidades têm se mostrado exitosas, e os cadernos têm sido construídos ao longo do processo.

No ano de 2011 tivemos, pela primeira vez, a experiência de contar com a ajuda de estagiárias de uma ILPI onde realizamos o trabalho. Logo na primeira reunião com as diretoras mostramos a necessidade de auxílio para a escrita dos relatos. Os grupos de idosos de ILPIs filantrópicas, como o caso aqui citado, são formados por idosos de origem muito simples, grande parte de analfabetos.

Este grupo tinha 11 participantes, e só uma delas assumiu o compromisso de fazer os relatos sem ajuda. Outros disseram que trariam suas histórias escritas, mas não o fizeram. Tínhamos muito trabalho a fazer!!!

Nosso contato direto durante os 2 meses de trabalho foi com a assistente social que contava com o apoio de 2 estagiárias do Serviço Social disponíveis para nos ajudar. Elaboramos um roteiro e tivemos uma reunião para habilitá-las na tarefa de escrever os relatos orais que os idosos ditariam para elas, e já realizados durante as Oficinas.

Depois do segundo encontro os participantes começam a ter a tarefa de escrever, o que foi feito com a ajuda destas escribas. As mediadoras estabeleceram contato com elas, via e-mail, relatando numa pequena sinopse o que tinha sido tratado na reunião, o que as ajudaria quando abordassem os idosos. Foi constatado que muitos não se lembravam do que tinham relatado oralmente na Oficina.

O primeiro relato apresentado por uma das estagiarias foi escrito em terceira pessoa, que indicava uma reescrita do texto com interferência da escriba. Neste momento ressaltamos que o importante é a fidelidade à palavra do narrador, pois nosso objetivo não era uma escrita literária, mas a identificação de cada participante com seu relato.

Após o relato de cada narrador o mediador-escriba realizava uma leitura do texto, momento no qual o narrador poderia acrescentar ou excluir algo. Quando eles consideraram o texto pronto solicitávamos que assinassem para dar legitimidade ao relato.

Para exemplificar a força das escritas de si, relatamos o ocorrido durante uma das Oficinas em um Centro de Convivência: - uma das participantes disse que achava sua letra feia e que a filha fazia brincadeiras jocosas sobre isto. Diante da solicitação de textos, esta participante resolveu enfrentar as críticas da filha e escreveu os textos de próprio punho.

No último dia da Oficina fizemos uma avaliação subjetiva e esta participante afirmou este “enfrentamento” como uma libertação e uma vitória.

No caso do trabalho na ILPI notamos que apesar de considerarmos as estagiárias preparadas para “ouviem” e escreverem os relatos recebemos a mensagem de uma delas, na qual se nota certa angústia.

Olá, Hoje trabalhei com a L. que está com dificuldade visual e M. que não tem coordenação. Porem elas não se ativeram somente ao tema textual apresentado, inclusive ao tentar relatar as origens dos seus nomes se emocionaram (choraram MUITO), porem não se ativeram SOMENTE ao tema... relataram-me quase que TODA suas vidas, e eu tive que fazer um resumo dentro da proposta feita por vocês. Inicialmente achei que seria MAIS um trabalho, mas estou vendo (não sei se é esse o propósito), que essa é uma forma deles falarem sobre si já que são tão "sozinhos", e carecem demasiadamente de alguém que os escute. Se estou errada por favor me ajudem, pois AGORA, estou muito envolvida e quero saber qual meu procedimento...o correto.

Respondemos para ela que isto poderia acontecer, mas que, por meio de perguntas, poderiam encaminhar as narrativas sobre o conteúdo que haviam trazido na reunião. Deixamos claro, porém, que o texto poderia ser enriquecido com mais histórias, para que eles se sentissem à vontade, e acolhidos por quem os escutava.

Surgiu depois outra questão. A mesma estagiária enviou um relato comentando que achou que a idosa tinha feito alguma confusão com as datas sobre a história relatada, e a musica sobre a qual se recordava. A orientação foi a de que a verdade absoluta sobre o acontecimento não era importante, mas sim o que o narrador se lembrava.

Sobre a história da música “Emoções” de Roberto Carlos obtivemos este depoimento:

Gosto desta música me lembra um namorado que tive quando tinha 18 anos. O nome dele era Orlando e namoramos por seis anos. Ele era gerente de uma agência da Varig que ficava em Guarulhos e outra no centro da cidade. Ele sempre me convidava para restaurante dançante e, quando lá chegávamos, ele pedia aos músicos para tocarem essa música e dançávamos muito. Dizia gostar muito de mim, mas não poderia continuar comigo, porque foi transferido para outra cidade e acabamos perdendo o contato. Senti muita saudade quando nos separamos, pois era um ótimo rapaz, de caráter, porém pelo seu trabalho tivemos que nos separar e isso me deixou muito triste por um tempo. Hoje, todas as vezes que ouço esta música, me lembro do Orlando e de nossa história de amor.

Ao final deste trabalho e na organização dos cadernos de memórias, pensamos que seria interessante *ouvirmos* as escribas. Pedimos então que escrevessem um parágrafo no qual relatassem suas experiências e sensações ao exercerem suas tarefas como escribas, e que fariam parte do caderno.

Seguem suas impressões:

Inicialmente comecei o trabalho com cautela, pois não sabia exatamente do que se tratava, porém ao começar a conversar com os moradores, e eles narrarem sua histórias, é que percebi a importância desse projeto em suas vidas. Como estagiária eu já havia ouvido alguns moradores, mas a metodologia utilizada foi de suma importância para que os estimulasse, pois nem todos têm facilidade para expor sua vida. Houve momentos em que fiquei extremamente sensibilizada como, por exemplo, na hora que eu li para eles suas histórias e todos sem distinção se emocionaram. É visível a necessidade que ele tem de conversar, em falar sobre seus sentimentos e suas lembranças, e a Oficina Memória Viva, sem dúvida, lhes proporcionou a oportunidade de atenuar um pouco essa carência. A experiência obtida nesses encontros com certeza será muito importante em minha vida pessoal, por hoje enxergar o idoso com outro olhar, atenção e mais respeito, assim como será de grande ajuda no meu futuro profissional, pois, mesmo que sigamos a teoria de Emile Durkheim onde ele nos alerta sobre o perigo do envolvimento emocional com usuário, me fez entender que a emoção pode também nos ajudar a entender as necessidades do indivíduo e assim obter maior referencial na busca de mecanismos que possibilitem o atendimento ao cidadão. (G.)

Durante os depoimentos dos moradores que nos relataram um pouco da sua trajetória de vida “viajei” nas lembranças que eles nos contavam. Foi gratificante participar da oficina Memória Viva, conhecer um pouco mais de cada um que participou desta oficina. Com certeza, estes dias acrescentaram algo de especial e conhecimento para mim durante meu estágio que é um local de conhecer e aprender. Obrigada por me darem a oportunidade de participar desta oficina e juntos contarmos sobre lembranças e emoções vividas. (A)

O resultado obtido com a elaboração dos cadernos aliado a estes depoimentos reforça o potencial do trabalho com as *Oficinas de escritas autobiográficas* e, nelas, a importância dos escribas, pois só assim podemos ter o produto final, que consideramos o diferencial deste trabalho de escuta e registro.

Percebemos também nesta, e em outras experiências, o potencial formador das “narrativas de si” para outros profissionais, colocando o idoso, e a prática profissional, sob uma ótica transformadora, além de partilhar a grande alegria quando, ao final da Oficina, os idosos e a instituição recebem seus cadernos. Deste modo confirmamos as palavras de Drummond, epígrafe que iniciou esta reflexão - *Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo*.

Referências

BRANDÃO, V.M.A.T. *Memória, Cultura, Projeto de Vida*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais – Antropologia. PUCSP, 1999.

BRANDÃO, V.M.A.T. *A Construção do Saber: Desafios do Tempo*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais – Antropologia. PUCSP, 2004.

BRANDÃO, V.M.A.T. *Labirintos da Memória. Quem sou?* São Paulo: Paulus, 2008.

MOMBERGER, C. D. *Biografia e Educação. Figuras do indivíduo-projeto*. São Paulo: Paulus, 2008.

MOMBERGER-DELORY, Christine. “Formação e Socialização: os ateliês biográficos de projeto”. *Revista da Faculdade de Educação – USP*. São Paulo, vol.32 /02, 2006. pp.359-371.

MORIN, E. *O paradigma perdido: a natureza humana*. Portugal: Publicações Euro Humanas, 1996.

Dicionário de Língua Portuguesa – Antonio Houaiss, Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Patricia Cabral - Psicóloga, mestre em Gerontologia pela PUC/SP, pesquisadora do GEM (Grupo de Estudos da Memória), do NEPE - Núcleo de

Estudos do Envelhecimento PUC - São Paulo. Atividade profissional: atendimento domiciliar e em consultório ao idoso. Associada fundadora do OLHE (Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento) e do Gerações – Pesquisas e Ações em Gerontologia. Coordenadora e executora dos projetos da Oficina Memória Viva. www.oficinamemoriaviva.com.br. E-mail: patricia@oficinamemoriaviva.com.br

Rita Amaral - Pedagoga (PUC/SP), especialista em Gerontologia (HMSP), pesquisadora do GEM - Grupo de Estudos da Memória – NEPE - Núcleo de Estudos do Envelhecimento PUC - São Paulo. Atividade profissional: voluntária na Instituição de Longa Permanência "Lar Madre Regina" em Guarulhos desde 2002. Atendimento em Instituições de Longa Permanência para Idosos desenvolvendo atividades de Dança Sênior, passeios culturais em São Paulo, projeto "Encontros Autobiográficos" entre outros. Associada fundadora do OLHE (Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento) e associada do Gerações – Pesquisas e Ações em Gerontologia. Coordenadora e executora dos projetos da Oficina Memória Viva. www.oficinamemoriaviva.com.br. E-mail: rita@oficinamemoriaviva.com.br

Vera Brandão - Pedagoga (USP). Mestre e Doutora em Ciências Sociais - Antropologia pela PUC/SP. Pesquisadora do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE) do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC/SP. Docente do Cogear - PUC/SP. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares (GEPI) do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação/Currículo (PUC/SP). Idealizadora e docente da Oficina: Memória Autobiográfica – Teoria e Prática. Editora do Portal do Envelhecimento e Editora da Revista Portal de Divulgação. www.portaldoenvelhecimento.org.br. Membro da Equipe fundadora do OLHE – Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento. <http://www.olhe.org.br>. Membro da Equipe fundadora do Gerações - Pesquisa e Ações em Gerontologia. www.gerações.org.br. E-mail: veratordino@hotmail.com